

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Um diálogo entre educação, linguagem e ética a partir de ideias Bakhtinianas

A dialogue between education, language, and ethics from Bakhtinian ideas

Un diálogo entre educación, lenguaje y ética basado en ideas Bakhtinianas

Leticia Ferreira Pires

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Inhumas, Brasil

pires.prf.leticia@gmail.com

Marcela Inácia de Sousa

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Inhumas, Brasil

marcelainaciadesousa18@gmail.com

Liliane Barros de Almeida

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Inhumas, Brasil

liliane.cardoso@ueg.br

Resumo: Com o intuito de estabelecer determinado diálogo entre educação e ética pensando na relação com a linguagem e a formação humana, fez-se uma discussão a partir de princípios bakhtinianos. Nesse sentido, o certame partiu do levantamento bibliográfico, cuja temática envolvia a relação do eu e o outro presente nos escritos de Bakhtin (1895-1975). É possível depreender de seus textos que o outro está sempre presente, pois as vozes sociais constituem o ser nas interações sociais e na formação do sujeito. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi realizar uma reflexão sobre a constituição ética, os juízos éticos, a moral e a filosofia do ato ético, que se faz presente na interação entre o eu e o outro, diante da unicidade e responsabilidade social. O aporte teórico permitiu

compreender a respeito do sujeito social, que não vive isolado, pois o contato com o outro está presente em sua constituição desde o seu nascimento, durante sua formação, por meio das interações sociais. Para Bakhtin (2017), isso possibilita a formação da consciência, no decorrer das relações sociais e no permanente diálogo com o outro.

Palavras-chave: Bakhtin. Educação. Ética. Linguagem. Social.

Abstract: This article discusses certain Bakhtinian principles to establish a dialogue between education and ethics, considering the connection between language and human formation. In this context, the inquiry began with a literature review about the relation between the self and the other, contained in the writings of Bakhtin (1895-1975). It is possible to infer from his work that the other is always present, as social voices constitute the self in social interactions and the formation of the individual. Thus, the article aims to reflect on the ethical constitution, ethical judgments, morality, and the philosophy of ethical action, features encompassed by the interaction between the self and the other, in its uniqueness and social responsibility. The theoretical framework allowed an understanding of the social subject, who does not live in isolation, as contact with others is part of their constitution from birth, throughout their formation, and within social interactions. According to Bakhtin (2017), this process allows for the formation of consciousness during social relations and the permanent dialogue with the other.

Keywords: Bakhtin. Education. Ethics. Language. Social.

Resumen: Para establecer un diálogo entre educación y ética, será necesario también pensar en su relación con el lenguaje, con miras a la Formación Humana y, en este texto, haremos esta discusión a partir de algunos principios bakhtinianos. Haremos la discusión sobre la relación entre

uno mismo y el otro, presente en los escritos de Bajtín (1895-1975). Es posible inferir de sus textos que el otro está siempre presente, como las voces sociales siempre están presentes en la constitución del ser, en las interacciones sociales y en la formación del sujeto. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la constitución ética, los jueces éticos, la moral y la filosofía del acto ético, que está presente en la interacción entre el yo y el otro, en su unicidad y responsabilidad social. El marco teórico utilizado en este texto permite comprender al sujeto social que no vive aislado, pues el contacto con el otro está presente en su constitución desde su nacimiento, durante su formación y a través de las interacciones sociales. Para Bakhtin (2017) la conciencia se forma en el transcurso de las relaciones sociales en diálogo permanente con el otro.

Palabras clave: Bakhtin. Educación. Ética. Lenguaje. Social.

Data de submissão: 13/09/2023

Data de aprovação: 20/10/2023

Introdução

Esta pesquisa buscou relacionar a ética como princípio fundante das relações educacionais, tendo como base a ideologia bakhtiniana da constituição do ser em relação ao outro. Sendo assim, no primeiro tópico, realizou-se uma introdução conceitual da temática ética, da consciência moral e do juiz ético, que são formados através das relações sociais e da cultura em que o sujeito está inserido. No segundo tópico, abordou-se o princípio fundante da teoria bakhtiniana em relação à constituição do ser, a partir da sua relação com o outro. Já no último e terceiro tópico, procurou-se fazer uma relação entre ética e a formação dialógica com a educação.

A eticidade está presente nas relações que ocorrem na sociedade. O tempo todo, o homem está em contato com o outro, que tem pensamentos diferentes dos seus. Na educação não é diferente da sociedade, a ação está sempre relacionada com o outro. Diante deste ponto de vista, o conceito de outro que Bakhtin apresenta é altamente relevante.

A relação entre educação e linguagem é fundamental para se pensar a respeito da sociedade. Sendo assim, os educadores têm responsabilidades com vistas à formação ética dos sujeitos. Deve-se ter cuidado para não ferir os valores dos indivíduos, pois são várias as pessoas com valores e costumes distintos.

A educação é um direito social. Todos têm direito à educação como exercício da cidadania. Pensar essa questão no contexto atual da sociedade capitalista, torna-se cada dia mais uma questão complexa, pois, vive-se no mundo em que a competitividade e o individualismo crescem cada vez mais, estabelecendo a racionalidade técnica como princípio.

A ação educativa, que busca o respeito ao outro e à humanidade do ser, exige uma formação baseada na sensibilidade e nos fundamentos éticos de cuidado com a prática educativa, visto que a educação, em seu sentido mais amplo, está presente em na vida do sujeito, desde o seu nascimento, em situações formais ou não de constante aprendizagem.

Uma introdução à ética

Os seres humanos são racionais e, diferentemente dos animais, têm a liberdade e toda condição de desenvolver sua capacidade de escolher, concordar ou discordar dos fatos, sendo capazes de interagir com seu semelhante, com a natureza e de viver em sociedade.

A partir do momento em que os homens começam a interagir uns com os outros, eles abrem mão da sua liberdade individual para se inserir em um mundo dotado de leis, que são elaboradas visando a boa convivência e a harmonia das relações sociais.

Na medida em que eu afirme meu lugar próprio e único no ser unitário da humanidade histórica, na medida em que eu sou seu não álibi, isto é, mantenha em uma relação emocional-volitiva em relação aos valores que ele reconhece (Bakhtin, 1993, p. 65).

Nesse sentido, o sujeito constantemente se depara com situações em que, mesmo sem perecer, está colocando em prática o exercício ético de ser humano em sociedade, assim como confirma Chauí, quando aponta que “O campo ético é, assim, constituído pelos valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Estas são realizadas pelo sujeito moral, principal constituinte da existência ética” (2000, p. 424). Tratam-se de momentos em que nos deparamos com a dúvida sobre qual atitude tomar diante de certa situação que coloque em ação o juízo ético.

Nessa perspectiva, o juízo ético supõe que se tome decisões com justificativas para si e para os outros, assumindo as responsabilidades, pois os sujeitos tornam-se responsáveis por suas escolhas. O senso e a consciência moral dizem respeito a valores, sentimentos, intenções, decisões e ações referidas ao bem, ao mal e ao desejo de felicidade. À vista disso, “dizem respeito às relações que mantemos com os outros e, portanto, nascem como parte de nossa vida intersubjetiva” (Chauí, 2000, p. 431). As normativas sociais constituem a ética, que só se torna possível em sociedade com pessoas que exercitam sua humanidade individual e coletivamente.

Dessa forma, compreende-se a responsabilidade social com o outro, que permite ao sujeito a prática dos princípios éticos, sendo responsável pelas suas ações. “Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética” (Chauí, 2000, p. 433).

Os valores morais são constituídos a partir da convivência do sujeito e das interações constituídas na família, escola, religião, entre outras instituições. Assim sendo, a moral se torna reflexo das interações sociais. “É claro que essa orientação social da vivência pode possuir diferentes graus de consciência, precisão, diferenciação, porém não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (Volóchinov, 2017, p. 206).

Ainda segundo Volóchinov (2017, p. 216), a constituição e os enunciados que fazem parte do ser não estão no interior e sim no exterior, sendo formado no meio social, nas interações em que o sujeito está inserido, uma vez que “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior, no meio social que circunda o indivíduo”.

Destarte, pode-se afirmar que a formação do sujeito, seus valores, sua moral, constitui-se a partir das interações sociais e a sua consciência surge por meio das interações discursivas como abordado por Bakhtin em sua teoria. Dessa forma, a educação que visa a formação humana ética, deve se fazer num exercício de constante reflexão crítica e manifestação do humano por meio do questionamento e da dúvida que, necessariamente, constituem possibilidades de

uma sociedade melhor constituída por humanos e para humanos.

Eu e o outro na perspectiva de Bakhtin

Em sua teoria, Bakhtin (1993), defende que cada um ocupa um lugar no mundo. O **eu** moral ocupa um lugar único, que não pode ser ocupado por **outro**. Dessa maneira, o sujeito é responsável pela sua unicidade, o que se constitui na ação do ato individual e responsável.

Contudo, a unicidade não significa que o eu vive para si. Acerca disso, Bakhtin aborda a constituição do **eu**, em relação ao **outro**.

Esse mundo é dado para mim, do meu único lugar no Ser, como um mundo que é concreto e único. Para minha consciência participativa que age, esse mundo, como um todo arquitetônico, está disposto em torno de mim como em torno daquele único centro do qual minha ação flui ou aparece: eu dou com esse mundo, o tanto quanto eu venho ou flui de dentro de mim mesmo no meu ato ou ação de ver, pensar ou fazer alguma atividade prática (Bakhtin, 1993, p. 74-75).

O **eu** sempre verá e saberá algo que o **outro**, em sua posição, não conseguirá ver, como partes do seu corpo que se tornam inacessíveis aos seus olhos, o mundo por trás, informações que são acessíveis ao eu, e inacessíveis ao **outro**. Isto é apresentado em:

A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam. (Bakhtin, 1993, p. 91)

Quando se retoma a ideia da visão do **eu** sobre o **outro** e do **outro** sobre **mim**, se adentra ao conceito de excedente de visão, parte do **outro** que ele mesmo não tem acesso. O excedente de visão vai além da ideia de se colocar no lugar do **outro**, trata-se de contemplar as partes do **outro** que está oculta a ele. É a partir da visão do **outro**, das partes inacessíveis pelo **eu**, da interação e diálogos que o ser se constitui. Isto reforça a ideia de unicidade na teoria bakhtiniana, tendo vistas que cada um ocupa um lugar único, o que não quer dizer exatamente que o sujeito não seja individualista, mas que ele é constituído sócio e historicamente e está inserido em um contexto, a fim de ocupar um lugar próprio.

Assim sendo,

Na vida, cada um de nós ocupa um lugar único, isto é, um lugar irredutível ao ocupado por qualquer outra pessoa. Desse modo, quando contemplo alguém situado fora e adiante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciados jamais coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver. (Faraco, 2009, p. 24)

O ato se dá através das interações entre sujeitos diferentes, seres dialógicos. A filosofia do ato constitui a

filosofia moral, que orienta a existência concreta do homem e seus atos. A esse respeito, tem-se: “Um ato ou ação responsável é precisamente aquele ato realizado sob a base de um reconhecimento da minha obrigatoria (dever-ser) unicidade” (Bakhtin, 1993, p. 60). Neste sentido, a filosofia do ato, na situação responsiva, não é jurídica e nem normativa, mas uma ligação que através do ato concreto, vincula o homem ao mundo, em sua relação com o outro, como aponta Bubnova (2023, p. 12),

A responsabilidade é, por sua vez, ontológica e concreta: condiciona o ser-para-outro em cada situação particular, dá medida ao eu-para-mim enquanto dependo do outro, e o outro de mim. Por isso, “não há álibi para a existência” (1986, p. 22)¹⁶; ser no mundo compromete; viver é uma empreitada perigosa que não exime ninguém dos percalços inerentes à interação com o outro (Bubnova, 2013, p. 12)

Em busca de compreender o pensamento de Bubnova (2013), a interação com o outro supõe diferentes vozes sociais, como movimento vivo de novas palavras por meio da interação verbal com o outro. O ato ético se constitui na relação do **eu** e o **outro**. No mundo real, o ser e o outro se constituem nas relações e interações sociais.

Sendo assim,

A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência e a lógica da comunicação ideológica, da interação sígnica de uma

coletividade. Se privamos a consciência do seu conteúdo sígnico ideológico, não sobrar absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. (Volóchinov, 2017, p. 97).

Volóchinov (2017) refere-se à palavra como um ato bilateral, pois está, da mesma maneira, determinada para quem a palavra é e a quem ela é destinada. Nesse sentido, dá-se o dialogismo bakhtiniano, concebido pelo princípio constitutivo da linguagem e sua relação com o outro.

O sujeito, em sua constituição dialógica, não encontra a palavra como sendo neutra, pois ela está sempre repleta das aspirações e avaliações do outro, das vozes dos outros. Assim, o discurso se dá através da inter-relação dinâmica social dos sujeitos, na sua comunicação ideológica verbal, que remete a intervenção da exterioridade do outro na elaboração do discurso, sendo produzido através do meio social.

Na visão do Círculo de Bakhtin, por meio da cultura, o sujeito se constitui dialógico, pois sua consciência é formada mediante as relações sociológicas, demonstrando um olhar atencioso com o outro, cuja interação se coloca em prática cotidianamente, nas relações sociais.

Dessa forma, referindo ao ato ético, não é necessariamente o mesmo que a ética normativa, mas é o sujeito compreendendo as relações, a constituição ética, a

consciência moral, que se forma a partir das interações dialógicas que permeiam a educação e a sua formação.

A relação ética com o agir educacional

Ao longo da constituição histórica antropológica da humanidade, pode-se observar que não foi transmitida apenas uma memória genética, mas também uma memória cultural, que nos primórdios era passada de geração em geração, de forma espontânea e quase instintiva. Com a difusão da socialização, foram criadas instituições com intenção de formalizar esse processo de desenvolvimento relacionado à cultura.

[...] a Cultura é o aprimoramento da natureza humana pela educação em sentido amplo, isto é, como formação das crianças não só pela alfabetização, mas também pela iniciação à vida da coletividade por meio do aprendizado da música, dança, ginástica, gramática, poesia, retórica, história, Filosofia, etc. (Chauí, 2000, p. 372).

Acerca da cultura, Rio (2001, p. 30) afirma que “A cultura pode ser definida, em primeira instância, como o mundo transformado pelos homens”. Nesse sentido, tem-se a relação recíproca homem-mundo, que não possui ligação exterior, mas uma aplicação ontológica, que se constitui entre os dois termos.

O agir educacional fica marcado pela construtividade e historicidade da prática humana, uma prática histórica-social, em que suas instruções não são realizadas

de maneiras técnicas como ocorre em outras esferas, contudo, atua de maneira mais cautelosa, atingindo a subjetividade na produção de conceitos e vivência de valores. Já a educação, é uma prática internacionalizada com sentidos, objetivos e fins que variam de acordo com o momento histórico em que está se vivenciando as ações.

Ao pensar a formação situada no exercício da cidadania, diante da desumanização da sociedade, perante as desigualdades sociais causadas por um regime capitalista, que prepara o sujeito para o mercado, exige-se uma preparação para não se aluir nas armadilhas desse processo de produtividade, que visa o lucro.

A sensibilidade ética e a vivência moral são experiências comuns a todas as pessoas. Os homens são formados por uma consciência moral, que se expressa por suas ações, constantemente avaliando e as julgando como boas ou más, certas ou erradas. Assim, durante as ações socioculturais, os sujeitos acabam impondo normas de comportamentos uns aos outros.

Destarte, a consciência se constitui nos diálogos sociais e na história. Os valores aprendidos pelos sujeitos e sua compreensão de mundo está sempre relacionado com o momento histórico e cultural.

Do ponto de vista dos valores, a ética exprime a maneira como a cultura e a sociedade definem para si mesmas o que julgam ser a violência e o crime, o mal e o vício e, como contrapartida, o que consideram ser o bem e a virtude. Por realizar-se como relação intersubjetiva e social, a ética não é alheia ou indiferente às condições históricas e políticas,

econômicas e culturais da ação moral. (Chauí, 2001, p. 434-435).

O agir, os costumes, as atitudes que os sujeitos carregam consigo são características próprias, as quais configuram as ações do homem nas mais diversas culturas, constituindo a moral, tendo vistas que os valores estão o tempo todo impondo normas e atuando na consciência, como uma maneira de distinguir as atitudes que devem ser conduzidas.

Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças muito profundas de castas ou de classes podem até mesmo possuir várias morais, cada uma delas referida aos valores de uma casta ou de uma classe social. (Chauí, 2000, p. 437).

A ética é a reflexão crítica da moral, tendo uma perspectiva de universalidade enquanto a moral está ligada a particularidades dos grupos sociais e mesmo do homem. Se os valores estão na base de todas as ações humanas, é inevitável reconhecer sua importância para a práxis educativa. Diante dos desafios postos na formação, é necessário que se reinvente através da crítica constante, na perspectiva de construir um projeto civilizatório.

Essa reinvenção começa no seio da universidade, principalmente para os novos professores que vão enfrentar desafios ainda desconhecidos, que não foram pensados,

mas que, a partir dessa formação, mantêm os valores de dignidade como princípio da constituição humana.

A educação e a ética estabelecem relações muito complexas, talvez porque se vive um período crítico, no qual os valores morais estão muito conturbados. E é justamente nesse momento de crise que a educação moral se faz indispensável, embora sejam bem maiores as dificuldades para praticá-la.

É assim que, à luz das contribuições mais críticas da Filosofia da Educação da atualidade, impõe-se atribuir à educação como sua tarefa essencial à construção da cidadania. A educação já se deu por sua vez, o pleno compromisso de aplicação do uso de nossa única ferramenta para a orientação de nossas vidas: o conhecimento que precisa, torna-se, então, componente, criativo e crítico. (Severino, 2011, p. 141).

Os educandos já chegam na escola com um conceito moral pronto, advindo dos grupos sociais em que o sujeito está inserido, como religião, ideologias, senso comum do seu meio sociocultural. Nem sempre seus valores morais são éticos, o que leva, muitas vezes, a ferir a dignidade do outro ao seguir seus valores individuais.

A educação dos valores, da virtude e da ética, remete a um educar para o compromisso com a cidadania, visando uma sociedade justa e igualitária. É possível verificar isto, quando Silva (2017, p. 78) afirma que “Viver de forma ética significa pensar e agir considerando a dimensão do outro e

de tudo o que é bom nas relações entre os humanos e sua produção social; é despertar o sentido e a consciência coletiva na vivência com o outro”. Dessa forma, entende-se que a educação, com uma finalidade ética, tem a função de elevar o pensamento e a ação com vista à autonomia, para recriar os valores sociais e culturais com o intuito de assumir uma postura ética em suas ações.

Considerações finais

O campo ético apresentado constitui-se de valores e obrigações que formam a conduta moral, sendo realizado por um sujeito moral, formado pela ação ética. A conduta ética torna-se possível na sociedade pois os sujeitos agem de maneira individual e coletiva, desenvolvendo, por meio das interações, o senso e a consciência moral, que se referem às ações relacionadas ao bem e ao mal. Desta forma, tem-se a responsabilidade social com o outro.

Para Bakhtin (1993), o **eu** e o **outro** ocupam um lugar único, mas isso não está relacionado com a individualidade. O **eu** e o **outro** são dois campos de valores essencialmente diferentes, embora estejam sempre correlacionados. Na teoria Bakhtiniana, o dialogismo é concebido pelo princípio constitutivo da linguagem e a relação com o outro. Referindo-se ao sujeito pela sua constituição dialógica, encontra-se a palavra sempre relacionada com as vozes, avaliações e aspirações dos outros, sendo o discurso fruto

da interação social, que sempre remete a intervenção da exterioridade, ou seja, da participação do outro.

A teoria de Bakhtin não está restrita apenas ao campo da linguagem, ela se insere em todas as áreas, principalmente às ciências humanas, que estão relacionadas diretamente com os sujeitos socialmente constituídos.

Diante do exposto, buscou-se fazer uma ligação entre a teoria de Bakhtin e a ética, considerada necessária na reflexão pedagógica contemporânea, abarcando o diálogo nas relações sociais, tendo vistas que pensar a dimensão da educação e sua relação com a linguagem supõe pensar a interação humana em constante diálogo, recriando culturas, costumes e hábitos.

É no movimento histórico-social que o sujeito cria a cultura, faz a educação e põe questões éticas na comunicação com o outro. A ética não define regras prontas para as ações e comportamento humano, nem determina o que o sujeito deve ou não fazer. Contudo, diante das discussões educacionais para uma boa convivência humana, quando o **eu** se dispõe a entrar em empatia com o outro, lança-se ao encontro dialógico, ocasionando o movimento do agir, do pensar e do existir, numa rede de relações intersociais.

No contexto educacional, respeitando-se a diversidade, os valores, costumes e cultura de cada um, o ato ético não é necessariamente o mesmo que a ética normativa, mas auxilia a compreender as relações que permeiam as

interações dialógicas, fundadas em valores humanos e na
visão crítica de mundo.

Referências

- BAKHTIN, MIKHAIL. **PARA UMA FILOSOFIA DO ATO**. TEXAS: UNIVERSIDADE DO TEXAS, 1993.
- BUBNOVA, TATIANA. O PRINCÍPIO ÉTICO COMO FUNDAMENTO DO DIALOGISMO EM MIKHAIL BAKHTIN. **CONEXÃO LETRAS**. VOLUME 8, Nº 10. 2013. <[HTTPS://DOI.ORG/10.22456/2594-8962.55173](https://doi.org/10.22456/2594-8962.55173)> ACESSO EM: 15 AGO. 2022.
- CHAUÍ, MARILENA. **CONVITE À FILOSOFIA**. SÃO PAULO: EDITORA ÁTICA, 2000.
- FARACO, CARLOS ALBERTO. CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E DIALOGISMO. IN: FARACO, CARLOS ALBERTO. **LINGUAGEM & DIÁLOGO: AS IDEIAS LINGÜÍSTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN**. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2009.
- FARACO, CARLOS ALBERTO. ASPECTOS DO PENSAMENTO ESTÉTICO DE BAKHTIN E SEUS PARES. **LETRAS DE HOJE**, 46(1), 21–26, 2011. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://REVISTASELETRONICAS.PUCRS.BR/INDEX.PHP/FAE/ARTICLE/VIEW/9217](https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fae/article/view/9217)> ACESSO EM: 17 JUN. 2022
- FIORIN, JOSÉ LUIZ. O DIALOGISMO. *In*: FIORIN, JOSÉ LUIZ. **INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE BAKHTIN**. 2. ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2016.
- RIOS, TEREZINHA AZERÊDO. **ÉTICA E COMPETÊNCIA**. CORTEZ, 2001.
- ROUSSEAU, JEAN JACQUES. **OS PENSADORES. DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS**. 2. SÃO PAULO: ABRIL CULTURAL, 1978.
- SILVA. ALINE DE FÁTIMA SALES. **A FORMAÇÃO DO HOMEM VIRTUOSO NO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU..** TESE (DOUTORADO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE) PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, GOIÂNIA, 2017.
- SEVERINO, FRANCISCA ELEODORA SANTOS SEVERINO (ORG.). **ÉTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES POLÍTICA, RESPONSABILIDADE E AUTORIDADE EM QUESTÃO**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2011.
- VOLÓCHINOV, VALENTIN. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM**. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2018.